http://doi.org/10.14393/REPRIM-v4n7a2019-48874

Há ética em Nietzsche? A vida como maior dos pesos

*Francisco Alvarenga**

Resumo: A proposta deste artigo é buscar responder à seguinte questão: há ética no pensamento filosófico de Nietzsche? Em seu pensamento, o homem passa a se encontrar além dos limites éticos e morais pelos quais esteve aprisionado. Assim, se há ética no pensamento de Nietzsche, ela deve ser compreendida como um processo necessariamente libertador daquilo que torna pequena a vida.

Palavras-chave: Ética; Nietzsche; Homem; Transvaloração dos Valores; Vida.

Is there ethics in Nietzsche? Life as the greatest of weights

Abstract: The purpose of this article is to answer the following question: Is there ethic in Nietzsche's philosophical thinking? In his thinking, man begins to find himself beyond the ethical and moral limits by which he was imprisoned. Thus, if there is ethic in Nietzsche's thought, it must be understood as a necessarily liberating process of what makes life small.

Keywords: Ethic; Nietzsche; Men; Transvaluation of Values; Life.

Introdução

No contexto filosófico geral, ética e moral possuem diferentes significados. A ética está associada ao estudo do fundamentado dos valores morais que orientam o comportamento humano em sociedade, enquanto a

* Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista em Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: franciscocmf@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5558991890845277. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2453-1132.

moral são os costumes e convenções estabelecidas por cada sociedade. Os termos possuem origem etimológica distinta. A palavra ética vem do Grego *ethos* que significa "modo de ser" ou "caráter". Já a palavra moral tem origem no termo latino *morales* que significa "relativo aos costumes" (LIMA VAZ, 1999, p. 46)[1]. Certamente, na história da humanidade, uma das perguntas realizadas corriqueiramente é: como se deve agir? Para esta questão encontramos várias respostas distintas que vão de Aristóteles, e sua ética das virtudes[2], a John Stuart Mill, com seu utilitarismo[3], na busca de se delimitar a compreensão acerca da vida mais valorosa, do certo e do errado, e do bem e do mal.

Neste texto, nossa pretensão é aclarar se no pensamento de Friedrich Wilhelm Nietzsche é possível apontarmos uma preocupação de se fundar uma ética, como podemos encontrar nos mais variados autores da tradição filosófica ocidental. Para Tanto, de antemão, deve-se ter em mente que em Nietzsche não vemos a ocorrência da palavra "ética", mas sim "moral" e "valores morais" (GM I §6), além de que sua posição não é necessariamente de um moralista, mas sim de um imoralista; em outras palavras, isto significa que em seu trato com a moral, a posição de Nietzsche é de suspeita e de superação (CLARK, 2017, p. 182).

Outro fato importante que se deve ter claro é que o seu proceder filosófico não se identifica com a forma com que se fez filosofia pela tradição dogmática. Sua filosofia busca as origens daquilo que constitui a cultura e a própria visão existente sobre o homem. Neste sentido, ao tratarmos do *modus operandi* nietzschiano o que temos é uma investigação genealógica, através da qual se pretende esclarecer que os valores

[1] Bernard Williams (1995) realiza uma apresentação para se compreender o sentido de moral na filosofia nietzschiana, a saber: moral estaria designando uma instância e ética como uma regulamentação entre pessoas por meio de disposições de um sistema internalizadas pelos indivíduos (WILLIAMS, 1995, p. 241).

[2] Cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco.* Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. Bauru: Edipro, 2009.

[3] Cf. MILL, J. S. *Utilitarismo.* Porto: Porto Editora, 2005.

apregoados às coisas, às ações, e à própria vida têm origens humanas e, portanto, nada têm a ver com uma doação miraculosa, mas revelam a vontade humana operando em prol de uma crença ou, ainda, de si mesma.

Desde de aí já encontramos uma diferença entre a filosofia nietzschiana e demais filosofias preocupadas com o desenvolvimento de um modelo ético. Diferente de outros autores que tratam deste tema, Nietzsche, de início, procura realizar uma avaliação dos valores com o intuito de se definir se os valores e juízos morais criados prestam serviço para um engrandecimento da vida e do homem ou, se pelo contrário, agem de forma a tornar a vida pequena e degenerada (GM *prólogo* §3). Assim, podemos considerar que o tema central da filosofia nietzschiana diz respeito à seguinte questão: o que constitui não só uma vida boa, mas também a excelência de uma vida? E com isto, compreende-se que o filósofo alemão teve por intenção elevar ao mais alto grau aquilo que constitui a ação humana no mundo (ROBERTSON, 2016, p. 145-146).

Por não se alinhar à filosofia da tradição metafísica, podemos entender Nietzsche como um crítico a ela, já que nela ocorreria o desenvolvimento de uma ética na qual se nega a vida em nome de valores transcendentais, eternos e absolutos. Segundo ele, esta postura afirmou a realidade como má, destituindo do momento presente o seu valor (GM *prólogo* §6). Contrário a isto, Nietzsche propõe uma nova valoração do homem e do mundo, por meio de uma transvaloração de todos os valores[4], já que o arcabouço valorativo ocidental tornou o homem um ser frágil e pequeno, fazendo o homem cansado do próprio homem (GM I §12).

> É urgente, pois, suprimir o além e voltar-se para a terra; é premente entender que eterna é esta vida tal

[4] Transvaloração de todos os valores é o conceito utilizado por Nietzsche para expor a sua compreensão de se criar novas possibilidades de vida e valoração. Em outras palavras, isto significa que para nosso filósofo, por meio da transvaloração dos valores, seria possível tornar a vida o critério de avaliação. Vale notar que partindo desta concepção nietzschiana há um movimento quase que natural de rejeição da metafísica como pressuposto das avaliações pretendidas.

> qual como a vivemos aqui e agora. Nisto consiste o projeto nietzschiano de transvaloração de todos os valores: fundar os valores a partir de outras bases [...] (MARTON, 1993, p. 65).

O que Nietzsche propõe é a negação de um mundo metafísico. Para ele, o mundo e a vida devem ser vistos sem o preconceito metafísico no qual os seus valores são rechaçados. Ele caracteriza a metafísica como erro, nega que a história seja construída entre essência e aparência; ele coloca em questão os critérios utilizados para se afirmar a superioridade daquilo tomado como verdade em contrapartida à aparência. O objeto da crítica nietzschiana não é diretamente o conteúdo das afirmações dogmáticas, mas sim a afirmação, a valoração e o critério, do qual advém os valores (BM §34). Isto porque se as avaliações que realizamos são fruto da vida, existência – ou ainda, mais que isso, dando um passo à frente, a origem de tudo que está sobre nossas avaliações é a vida – não é possível que ela seja taxada e que se determine o seu valor (CI II §2), pois

> um juízo de valor depende das condições de vida e varia com elas; seja ele positivo ou negativo, uma exaltação ou uma condenação da vida, deve ser unicamente considerado como sintoma; sintoma de uma espécie determinada de vida (MACHADO, 2017, p. 80).

Nestes termos, temos de considerar que Nietzsche possui uma posição de objeção para com a moral, a qual diz respeito ao fato de que por meio dela, em busca de uma vida mais elevada haveria a necessidade de negação dos desejos representada por uma "Vontade de maltratar-se" (GM II §18). Dizendo de outra maneira, Nietzsche estaria afirmando haver, por meio da moral, um impedimento dos impulsos vitais por meio de uma valoração negativa fornecida ao indivíduo através da moralidade. Ou seja, partindo do pressuposto nietzschiano, se a vida pede por mais potência, a

moral, pelo contrário, prescreve o asceticismo[5] como forma de se alcançar a vida mais valorosa; se o corpo quer saciar seus desejos e necessidades, a moral ensina a abstinência como meio de elevação. Disto podemos compreender que para o filósofo alemão a moralidade se desenvolveu contra tudo aquilo que é grande na humanidade ao pregar que em nome de uma vida elevada se deveria negar a vida real.

Ao passar ao largo das interpretações metafísicas, Nietzsche sugere uma nova forma de se fazer filosofia. Sua preocupação é a de se pensar uma nova moral, na qual haja um retorno do olhar para a vida de forma positiva, já que ele viu nas afirmações dogmáticas uma tentativa de criação de condições culturais e morais ideais para a existência que, por não realizarem o pretendido, levaram a um movimento de decadência no qual a própria vida passou a ser negada.

Com isto, apontar em Nietzsche uma ética tal e qual se pode fazer em outros pensamentos é algo de difícil realização. Diferentemente de outros filósofos, Nietzsche pretendeu transmutar os valores dados a cada valor e, assim, fundamentar a vida em valores terrenos por meio de uma responsabilização do homem sobre os valores, movimento que podemos ver na ideia de *além-do-homem*[6].

Assim, é importante entender a supressão da moralidade não como uma supressão do dever. Diferente disso, suprimir a moral existente é, antes de tudo, uma afirmação de que o dever de criar novos valores pesa sobre aquele que se permitiu colocar no movimento transvalorativo de sua existência. O alemão apontou que a forma como veio se pensando a humanidade até a modernidade se encontrava em ruínas. O que ocorre na

[5] O ideal ascético apresenta a vida de auto abnegação como a vida ideal (CLARK, 2017, p. 1998).

[6] Para Marton: "Não se trata [o além-do-homem] de um tipo biológico superior ou de uma nova espécie engendrada pela seleção natural, mas de quem organiza o caos de suas paixões e integra numa totalidade cada traço do seu caráter, de quem percebe que seu próprio ser está envolvido no cosmos, de sorte que afirmá-lo é afirmar tudo o que é, foi e será. Fazendo surgir novos valores, ele intervém num momento qualquer do processo circular, que é o mundo, e assim recria o passando e transforma o futuro" (MARTON, 1993, p. 69).

modernidade é o desfalecimento de uma imagem do homem, o que se deve ao fato de haver uma não identificação entre vida ideal e aquela que o indivíduo realmente experimenta no dia a dia[7]. Segundo Hall (2006):

> As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declino, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 6).

Conforme salienta Giacóia Júnior (1997), é quase que um movimento natural que o sentimento de perda, de vazio, de todo sentido e valor se desenvolvesse como um resultado necessário inescapável quando imposições nos campos da moral e do conhecimento se esgotaram (GIACÓIA JUNIOR, 1997, p. 39). Entretanto, pelo fato de elas não terem sido vistas como interpretações entre tantas outras, mas como as verdadeiras interpretações incondicionadas, o que ocorreu é que no momento em que se deixou de tê-las em mãos, surgiu a crença de a vida não possuía nenhum sentido.

---

[7] Um exemplo desta forma como o homem passa a perceber-se na modernidade é encontrado no texto de Dostoiéviski, a quem Nietzsche realizou o seguinte elogio: "o único psicólogo, diga-se de passagem, do qual tive algo a aprender: ele está entre os mais belos golpes de sorte de minha vida" (CI IX, § 45). Vejamos um exemplo: "Jamais consegui nada, nem mesmo ser malvado, não consegui ser belo, nem mau, nem canalha, nem herói, nem mesmo um inseto. E agora, termino a existência no meu cantinho, onde tento piedosamente me consolar, aliás sem sucesso, dizendo-me que um homem inteligente não consegue nunca ser uma coisa, e que só o imbecil triunfa. Sim, meus senhores, o homem do século XIX tem o dever de ser essencialmente destituído de caráter; está moralmente obrigado a isso. O homem que possui caráter, o homem de ação é um ser essencialmente medíocre. Tal é a convicção de meus quarenta anos de existência" (DOSTOIÉVSKI, 1966, p. 25).

Em resposta a isto Nietzsche apontou para necessidade de se voltar à terra como pressuposto moral ao questionamento de como se deve agir. O filósofo apresenta esse movimento de superação na primeira parte de *Assim falava Zaratustra*, no canto intitulado *Das três metamorfoses*: "[...] o espírito se muda em camelo, e em leão o camelo, e em criança, finalmente, o leão (ZA "Das três metamorfoses"). Ao usar a imagem do camelo, animal doméstico de cargas, busca representar o homem que esteve preso às crenças em Deus e verdades eternas, o "homem domesticado", que esteve sob o jugo de leis transcendentes que o orientavam de tal forma que seus desejos e vontades eram negados, tal qual se nega ao animal que foi domesticado suas vontades; o leão representa a força, o desejo, a vontade, porém, também, aquele que não possui capacidade de criar formas de fazer-se pleno, está também preso. Ao fazer uso da transição de camelo para leão, Nietzsche busca representar o homem que nega as antigas leis transcendentais, o homem moderno, que mesmo negando Deus como pressuposto regulador da vida, continuou preso às estruturas religiosas antigas. Finalmente a transição de leão para criança: o leão tem a vontade e a força, porém não possui a capacidade de criar novos valores., já a criança, a última figura das três metamorfoses do espírito, representa o *além-do-homem*, aquele que é capaz de criar novos valores a partir da experimentação e valorização da vida

Ao falar da necessidade da superação dos pressupostos morais transcendentais, Nietzsche propõe uma tomada de consciência daquilo que torna grande o homem. Resulta deste ser filosófico nietzschiano a *Transvaloração dos Valores* como a meta finalíssima e prerrogativa para uma ação engrandecedora que retraduz o agir ético entremeado à natureza (BM §230). O projeto transvalorativo consiste nisto: um ato de amor à vida. Este amor deve ser entendido no sentido de que amar é querer aquilo que se é, tal qual se é e não de outra maneira, incontáveis vezes sem fim. A

isso Nietzsche chamou de *amor fati*[8]. Por meio da ideia de *amor fati*, Nietzsche pretende demonstrar que o homem não deve somente suportar a vida, mas amar desde as pequenas às grandes coisas. Ao fazê-lo – anunciar o amor à vida e à terra – Nietzsche coloca o homem não mais em situação resignada, mas como ser ativo, criador de possibilidades e valores.

> Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo*... (EH II §10).

Exaltando o instante presente, Nietzsche exclui a dicotomia entre o eterno e o agora; o eterno é a repetição inumerada e infinita do agora vivido e o agora a possibilidade eterna e única de existir enquanto efemeridade na grandeza sem fim do universo. Para ser possível chegar a esta visão, Nietzsche cria a doutrina do *eterno retorno*[9] como o imperativo nietzschiano para a delimitação das ações e escolhas.

> *O maior dos pesos.* – E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: "Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo

[8] Para Marton: "*Amor fati*, aí se acha reunido o que aparentemente não se pode reunir: a atividade em vista de realizar o que ainda não é e a aceitação amorosa do que advém. Em vez de esperar que um poder transcendente justifique o mundo, o homem tem de dar sentido à própria vida; em vez de aguardar que venham redimi-lo, deve amar cada instante como ele é. E não há afirmação maior da existência que a afirmação de que tudo retorna sem cessar" (MARTON, 1993, p. 67-68).

[9] "Tudo retorna sem cessar. Se o universo tivesse um objetivo, já o teria atingido; se tivesse alguma finalidade, já a teria realizado. Não existe um deus soberano absoluto, com desígnios insondáveis. Todos os dados são conhecidos: finitos são os dados que constituem o universo, finito é o número de combinações entre eles; só o tempo é eterno. Tudo já existiu e tornará a existir. Cada instante traz a marca da eternidade. O universo é animado por um movimento circular que não tem fim" (MARTON, 1993, p. 31).

> nela, mas cada dor e cada prazer e casa suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!". – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: "Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!". Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em casa coisa, "Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?", pensaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não *desejar nada* além dessa última, eterna confirmação e chancela? (GC §341).

Com isto, o eterno retorno deve ser entendido como o empreendimento de "Só querermos algo de forma a também querermos que retorne sem cessar" (SIMÕES, 2003, p. 80). Assim, impera sobre o conceito de eterno retorno o âmbito ético-seletivo. Não existe, pois, deste modo, retorno do negativo; ou seja, este movimento caracteriza-se como afirmação, jamais como negação. Vale ressaltar que o principal objetivo de Nietzsche não foi o de produzir uma suspensão do juízo, mas de apresentar um novo caminho para se pensar o valor da vida, consciente de que ela acontece e se molda por meio de circunstâncias diversas que diretamente ou indiretamente dependem da escolha humana. Segundo Deleuze (1976):

> A lição do eterno retorno é que não há retorno do negativo. O eterno retorno significa que o ser é seleção. Só retorna aquilo que afirma ou aquilo que é afirmado [...] No eterno retorno, o ser se diz do devir, mas o ser do devir se diz só do devir-ativo (DELEUZE, 1976, p. 217).

Desta forma, se é possível denominar algo no pensamento nietzschiano como definimos ética no pensamento da tradição filosófica, ela nega a ideia de um ser engendrado dentro de uma doutrina, na qual ele é submetido à negação da vontade. Em seu pensamento, o homem passa a se encontrar além dos limites éticos e morais pelos quais esteve aprisionado. Assim, se há ética no pensamento de Nietzsche, ela deve ser compreendida como um processo necessariamente libertador daquilo que torna pequena a vida. Tendo como propósito destituir o valor da moral vigente, há em Nietzsche a criação de um amálgama das várias áreas do conhecimento (históricas, psicológica, etc.) para se compreender que o "estatuto de linguagem simbólica que é característico da moralidade" não representa outra coisa senão a tradução negativa dos afetos (GIACÓIA JÚNIOR, 2005, p. 25).

Pensando a filosofia nietzschiana como antítese à proposta moral tradicional, nela o homem, por meio da transvaloração, passa a afirmar a vida e se torna capaz de criar novas possibilidades e valores a partir de sua vontade. A grande constatação nietzschiana é que o homem cria. Tomando esta consciência como ponto de partida, a grande tarefa filosófica é aquela em que novos cenários devem ser pensados. Para que um novo arcabouço valorativo surja é necessário um novo homem, capaz de se reconhecer como portador de vontade e potência de vida. O homem nietzschiano é aquele que se lança no mundo e abraça o devir da existência. Dessa maneira, se há uma ética em Nietzsche, ela não se enquadra e não se coloca em conformidade com demais pensamentos filosóficos existentes. Tornar-se o que se é, é viver intensamente. Eis o fundamento nietzschiano para uma moral humana, demasiada humana.

Referências

CLARK, Maudemarie. A contribuição de Nietzsche para a ética. Trad. Ícaro Meirelles Figueredo. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 181-203, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cniet/a/dQKZLbZDqZPF7TdWbY9gmgL/?lang=pt. DOI: https://doi.org/10.1590/2316-82422017v3803mc. Acesso em: 10 fev. 2020.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia.* Trad. Ruth Jofilly Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. O Subsolo. *In*: GUIMARÃES, Rosa (Org.). *Os Mais Brilhantes Contos de Dostoiévski.* Introdução, seleção e tradução: Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma*: Nietzsche e a auto-supressão da moral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche & Para além do bem e do mal.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LIMA VAZ, Henrique C. *Escritos de filosofia I*: Introdução à ética filosófica I. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche*: a transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*: como alguém se torna o que é. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*: um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*: ou como se filosofa com o martelo. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*: prelúdio de uma filosofia do futuro. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2012a.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*: maldição ao cristianismo. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROBERTSON, Simon. Nietzsche e o valor: florescimento e excelência. Trad. Oscar Augusto Rocha Santos. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 145-184, 2016. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/cniet/a/sNPDHpZQXWs7J9b4gQFYxTs/?lang=pt. DOI: https://doi.org/10.1590/2316-82422016v3701sr. Acesso em: 25 ago. 2019.

SIMÕES, Mauro Cardoso. *Nietzsche, a escrita e a moral*. Campinas: Editora Alínea, 2003.

WILLIAMS, Bernard. *Ethics and the Limits of Philosophy*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

WILLIAMS, Bernard. Moral Luck: A Postscript. *In*: WILLIAMS, Bernard. *Making Sense of Humanity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Data de registro: 24/05/2019

Data de aceite: 07/04/2020